

## UM CORPO QUE TUDO SENTE: COSMOPERCEPÇÕES CUÍRS SOBRE CURRÍCULO E REPARAÇÃO HISTÓRICA<sup>1</sup>

*Eixo Temático ET 25 - Insurgências de Corpos e Saberes: Perspectivas  
Pedagógicas Decoloniais e Queer (Cuir) na Construção de Poéticas  
Outras da Revolta*

Mari Costa <sup>2</sup>

Iracema Santos do Nascimento (Orientadora) <sup>3</sup>

### RESUMO

Este resumo é um ensaio-performance sobre possibilidades de conclamar as discussões de gêneros, corpos e afetos na educação a partir de uma perspectiva-ação decolonial/cuir. Através de um processo metodológico autoetnográfico (com referências em Paul Preciado), o trabalho propõe tensionamentos e possibilidades de resistência frente à lacuna de historicidade lgbtqia+ nos espaços da educação. A exposição de episódios enfrentados por minha corpa de professore-trans é tecida junto a autoras do debate decolonial (Nilma Lino Gomes e tatiana nascimento), resultando no compartilhamento das encruzilhadas de nossas existências subalternas dentro do território da escola.

**Palavras-chave:** Decolonialidade; LGBTQIA+; Currículo; Educação

---

<sup>1</sup> este resumo faz parte dos estudos e levantamentos bibliográficos do projeto de pesquisa: Professor.trans \_ERRO NO SISTEMA perspectivas metodológicas para enfrentamentos cotidianos: da educação de quem educa às políticas públicas. Pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no nível de mestrado.

<sup>2</sup> Professore na Prefeitura Municipal de São Paulo, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. mari.costa@usp.br

<sup>3</sup> Professora Orientadora: Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. iranasci@usp.br

*Precisamos inventar os ancestrais que nos  
tornam mais livres, dizem. (abigail Campos Leal)<sup>4</sup>*

### **Habitar a travessia, sobreviver a escola**

Lina está no bbb<sup>5</sup>.

A bicha trans travesti preta penetra na máquina midiática e faz mis estudantes lançarem:

- o que você acha da Lina, professor? ela é uma pessoa incrível, mas está jogando muito mal.

e embora meu desejo coçasse em entender o que é “jogar mal” para aquele imaginário, minha total ignorância do reality me barra de qualquer análise, reflexão. A pulsão permanece: mis estudantes conhecem Linn da Quebrada e nem fui eu quem apresentei.

Lina está no bbb e isso de alguma maneira re/funda um novo paradigma. Preciado já nos anunciou que o regime da diferença sexual - que vocês acreditam ser uma verdade universal, quase metafísica - é uma epistemologia,

um sistema histórico de representações, um conjunto de discursos culturais, instituições, convenções, práticas e acordos (simbólicos, religiosos, científicos, técnicos, comerciais ou comunicativos) que permitem a uma sociedade decidir o que é verdadeiro e distingui-lo do que é falso.(PRECIADO, 2020, n.p.).

Para o monstro-uranista que nos guia - e em quem encontro coro/corpo - essa epistemologia está em transformação radical. Essa epistemologia precisa, enfim, lidar com sua limitação e finitude na presença de corpos seculares que dissidem de suas regras binárias, que sobrevivem a estrutura necropolítica e contam, recontam, re-montam seus imaginários, ancestralidades e possíveis presentes-futuros. O regime da diferença sexual não encontra argumentos fora da colonialidade, e a força da disrupção da norma tem sido tanta, que começam a nos inserir em seus sistemas de representação. O falso tem habitado a vitrine dos verdadeiros...

---

<sup>4</sup> Ver abigail Campos Leal em Aqueerlombamentos: as novas políticas do comunitarismo y da deserção lgbtqia preta (2020).

<sup>5</sup> Big Brother Brasil

Um paradigma determina uma ordem do visível e do invisível e, portanto, traz consigo uma ontologia e uma ordem do político, ou seja, estabelece a diferença entre o que existe ou não existe, social e politicamente, e estabelece uma hierarquia entre os diversos seres. (PRECIADO, 2020, n.p.)

Lina no bbb nos convoca a escancarar essa mutação de paradigma. uma corpa em rede nacional gritando e sendo gritada: ESTAMOS AQUI. ESTAMOS AÍ. estamos em todos os lugares desde sempre, vocês que nos nomearam, que nos outrificaram, que fundaram o paradigma universalizante a despeito de tantes nós. e agora vocês são obrigados a nos reconhecer. O barulho de nossas dores é tão alto, e nossa adaptabilidade é tão surpreendente dentro do capitalismo que pretendia nos exterminar, que vocês precisam - minimamente - tentar nos assimilar. Então Lina está no bbb. ela marca um momento: aquele em que nossas existências fora da lei - as que não existem - passam para a ordem daquilo que é visível.<sup>6</sup>

A despeito da heterocisgeneridade hegemônica, nós estamos dentro das instituições. Na “Formação da Cidade”<sup>7</sup>, a professora Anna Luisa de Castro, que está à frente do Núcleo de Gênero e Diversidade da rede, afirma que não se trata de questionar se devemos discutir gênero e sexualidade nas escolas, mas de perceber que gênero e sexualidade já estão em nossa existência, e que precisamos trabalhar essas relações a fim de garantir o direito de todes.

Ainda que Lina esteja no bbb, e que a Secretaria Municipal de Educação venha reconhecendo a importância de desvelar a questão de violência de gênero e sexualidade nas escolas, precisamos - primeiro - reconhecer que essas fissuras são reverberações da insistência dos movimentos sociais dinamitando as estruturas. Mas longe de um panorama otimista, mesmo com toda a possibilidade do apoio popular à corpa travesti na Rede Globo, não ignoramos o fato de que a exaltação dessa possibilidade serve de oferta do capitalismo como uma maquiagem às nossas mortas e a toda violência que persiste sem uma política pública contundente. Podemos habitar o horário nobre - e até ganhar um milhão -, mas nos tirar o status da ilegalidade, da inexistência perante a lei e aos mecanismos de reconhecimento social, daí seria radical demais. Não podemos existir para além da representação midiática, para além dos espaços - das vitrines - que

---

<sup>6</sup> Não pretendo ignorar todas as vezes disruptivas que corpos cuírs habitaram os espaços midiáticos, nem limitar nossa potência aos recursos televisivos, mas uso o exemplo de Lina por ser recente e emblemático por não se tratar de uma representação ficcional, mas de uma performance em reality show, que apresenta uma corpa bicha-travesti/preta-periférica/política-militante reivindicando a potência desses existires.

<sup>7</sup> Formação à distância que está sendo oferecida em 2022 para todes professoris da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, que tem base no Currículo da Cidade de São Paulo.

Por isso é que não há contradição nenhuma entre o fato de Lina estar no bbb e o que me assombra na sala dos professores:

- Não devemos fazer nada! Se a família não concorda, não podemos chamar a aluna do que ela bem quiser. Isso pode prejudicar a escola.
- Se fosse filho meu eu não aceitaria.
- Ah, mas a *escola* influencia esse tipo de coisa.

Este último é o que mais me interessa. Me pergunto se para a pessoa que enuncia é realmente a escola que influencia esse tipo de coisa (existências lgbtqia+), ou se é meu corpo/militância/existir que influencia esse tipo de coisa (existências parecidas com a minha, ou simplesmente diferente das delas). Ou ainda, em uma terceira configuração, se é uma fobia projetada a partir da ideia de que meu corpo se conecta com os deveres da escola “inclusiva” que ninguém quer/sabe dar conta. Assim, nessa projeção eu seria a própria ideia do que a escola deveria ser, ou o assombramento daquilo que ninguém sabe como resolver: a questão da diferença/diversidade e nossa pretensa obrigação e incapacidade de lidar com as dissidências. De toda forma, eu quem sou o assombro.

### **Currículo como prática criativa/ criatividade como metodologia y possibilidade de reparação histórica**

Aprender a língua dos homens (PRECIADO, 2020), vivir en la frontera<sup>8</sup>, falar em duas ou mais línguas<sup>9</sup>. Performar e me fortalecer junto a estudantes trans y cuírs, e simultaneamente ficcionalizar meu eu para sobreviver às/aos colegas de profissão.

Visitar outras escolas, conhecer coletivos lgbtqia+. Não encontrar respiro no meu próprio território. Sequências didáticas que reverberam, adolescentes confeccionando poesias marginais, zines autorais. Minha saúde definhando em uma

<sup>8</sup> Ver Gloria Anzaldúa em “Boderlands/ vivir en la frontera: the new mestiza” (2012).

<sup>9</sup> Ver Jota Mombaça em “Sob Butler: Cruzando a Distopia Brasileira”. Em: <https://monstruosas.milharal.org/tag/judith-butler/> (acesso em maio de 2022)

escola arcaica, que quer me usar para controlar o corpo dos outros. habitar dois mundos;  
o quanto mais aguento sobre/viver cindido?

a colonialidade da escola mata minha prática. a potência comunitária da escola me dá  
sentido para a reinvenção do mundo.

Se sou um lembrete de tudo aquilo que a escola não pode conter - nem lidar - é  
porque seus espaços e dispositivos não acompanham a multiplicidade de seres que a  
constituem. Vocês esquecem, com muita frequência, que as questões de  
diversidade/diferença estão nas salas de professoris tanto quanto nas salas de aula.  
Sujeitos lgbtqia+, pretes, indígenas, corpo-dissidentes, neuro-divergentes, migrantes,  
pessoas de terreiro. estamos de dentro - ainda que em pequeno número - ,  
implodindo-questionando “o pensamento abissal<sup>10</sup>” (SOUSA SANTOS, 2007, p.79). O  
desafio se coloca na corda bamba da nossa permanência nesses espaços de violência, e  
ao mesmo tempo na potência de transformação que nossos corpos e discursos geram  
nesses mesmos territórios.

Nilma Lino Gomes, em seu artigo “O Movimento Negro e a intelectualidade  
negra descolonizando os currículos” nos sublinha a importância de identificar a  
trajetória do Movimento Negro no combate à colonialidade através de inúmeras  
possibilidades de resistência. A autora, a partir de um diálogo com Tomaz Tadeu da  
Silva, afirma que

As narrativas representam os grupos sociais de formas diferentes, ou seja,  
valorizam alguns (sua história, conhecimentos, cultura, política, sexualidade  
e religião) e desvalorizam outros. Por isso, as narrativas do currículo contam  
histórias coloniais e fixam noções particulares de raça, classe, gênero,  
sexualidade e idade. Essas noções consolidadas pelo currículo escolar são  
reforçadas pelas relações de poder, pela pobreza, pela exploração capitalista,  
pelo racismo e pelo sistema patriarcal, e forjam subjetividades. Elas têm o  
potencial de forjar subjetividades e práticas coloniais e colonizadoras. Por  
isso, é preciso descolonizar o currículo. (GOMES, Nilma Lino. 2018  
p248/249)

Aqui a pesquisadora nos dá uma pista excelente sobre o que investigar no  
currículo: quem detém a narrativa? Afinal, quais pontos de vista sobre a história  
levamos para as salas de aula, seja em nossos discursos, nos materiais

---

<sup>10</sup> Boaventura Souza Santos em seu artigo “Para além do pensamento abissal” (2007) destrincha esse  
conceito e seus desdobramentos. Ele inicia o trabalho com a afirmação “O pensamento moderno ocidental  
é um pensamento abissal”, e segue tateando quais seriam os lados dessa linha abissal, e possibilidades de  
tensionamento frente à uma versão hegemônica da história e das constituições sociais modernas.

didáticos/literários, ou mesmo nas chaves de leitura que escolhemos para determinados assuntos? A formação inicial e continuada de professoris segue sendo lacuna junto às questões do currículo quando se trata de descolonizar cosmopercepções. Tem sido responsabilidade do movimento social investidas como as leis 10.639 e 11.645 a fim de garantir algum avanço nessas instâncias.

Pensar/agir em perspectiva decolonial, para diversas autoris desse debate (Nilma Lino Gomes, Maldonado-Torres, Souza Santos) é desafiar a colonialidade do saber, do poder e do ser. Pensar na descolonização do currículo requer mais que uma reconfiguração de nossas práticas, precisa de uma re-fundação de nossos modos de existir e nos relacionarmos no mundo. Requer um exercício de conexão com historicidades apagadas, requer remontagem de ancestralidades apartadas de nós. Requer, principalmente, o entendimento que a colonialidade e seus tentáculos de dominação se sustentam no processo de racialização do outro. Assim, falar de dissidências de gênero e sexualidade se torna também uma questão de etnografia: o processo de colonização - que se engendra em colonialidade até hoje - é montado em cima de um modelo de branquitude e cisheterossexualidade ocidental muito específico, tornando-o universal, e tudo o que disside deste modelo é tornado outro, é posto de fora do currículo, não contém narrativa - quanto mais narrativa própria.

São esses tantos mecanismos de onto-epistemicídio que escondem as possibilidades de existir para além da delimitação binária de gênero e sexualidade, presentes em lógicas para além da dominação colonial. Sejam em itans iorubás cuírs, sejam em registros de figuras históricas marcadas pela lgbtqia+fobia e racismo antes mesmos das nomenclaturas cuírs se estabelecerem na literatura ocidental<sup>11</sup>, nossa história é ignorada nos currículos a ponto de nossas existências correrem risco de serem lidas como um vírus da modernidade. A internet não nos inventou, apenas nos apropriamos de suas potências comunitárias para desvelar os processos de dominação aos quais submetem nossos corpos durante todos esses séculos.

tatiana nascimento questiona o apagamento das narrativas cuírs nos itãns iorubás em relação aquelas sexo-gênero-corporeidade normativas. e então diz:

essa difusão predominantemente htcisnormativa se dá porque a história da colonização é uma de heterocissexualização. daí ser imprescindível recontar,

<sup>11</sup> Xica Manicongo, Tomba Homem, Yayá Mariquinhas entre outros. Registros dessa historicidade podem ser encontrados nas pesquisas de Jaqueline Gomes de Jesus e Megg Rayara Gomes de Oliveira.

recriar - ou requeerer, nas palavras do poeta bicha preta pedro ivo - transformadora, anticolonialmente: pra que não morram as raízes nutrizas da assunção dessa ancestralidade das dissidências sexuais e/ou de gênero; para que tenhamos lastro histórico na diáspora negra; pra nos livrar da mirada htcisnormatizante que a colonialidade impõe a nossas trajetórias/existências/simbologias pré-atlânticas...(nascimento, 2019, p.10)

Deste trabalho - de nascimento - de repossuir o corpo, a estrita relação entre o racismo colonial e a naturalização da diferença sexual biologizante e binária é muito nítida. É impossível dissociar a construção das questões que entendemos - ocidentalmente - por gênero, da invasão colonial que dizimou sociedades originárias e escravizou povos-corpos-culturas inteiras. E para além, a poeta-pesquisadora nos afirma a importância de nossas recriações - recuir/ações - sobre nossa ancestralidade, memória, potências. a atividade (re)criadora é a que nos permitirá imaginar e construir um presente-futuro que pare de honrar o apagamento, e que nos assuma como autoris/sujeites da história, com capacidade de escolha e construção.

### **Infiltr/ação**

Descolonizar o currículo não se trata de recuperar conteúdos, mas de nos implicarmos no processo de autoria do fazer curricular junto às corpos que constituem os ambientes da educação. É de extrema importância que as narrativas sejam retomadas por suas sujeitas, que nós escrevamos, recontemos, reimaginemos nossas possibilidades e nossas ancestralidades. Frente a fixação da universalidade ocidental, é através da prática criativa, de escuta, do debate-embate - não do controle - que poderemos reivindicar o lugar de professore/construtore da política pública com uma perspectiva decolonial/cuír. É na ocupação dos espaços da escola que o corpo trans conclama seu lugar de direito, de reparação histórica, de reconstrução de conteúdos.

Quando nós, atores do chão da escola, nos entendermos como sujeitos históricos, presentes na manutenção ou interrupção dos mecanismos de dominação, poderemos vislumbrar a escola como lugar de criação e re-criação de subjetividades, a partir do direito de cada uma em sua composição; a partir do direito à autodeterminação. O que se faz necessário para o enfrentamento do currículo colonial, é compreender a escola como encruzilhada, atravessá-la - emaranhá-la - por outras cosmopercepções, reinventando nossas maneiras de ser e em rede. Como diria Luiz Rufino: *as*

*possibilidades nascem dos cruzos e da diversidade como poética/política na emergência de novos seres e na luta pelo reencantamento do mundo (RUFINO, 2019. p 10).*

A criatividade de um corpo-corpos que precisa não apenas se inventar, mas re/inventar y descindir sua historicidade-ancestralidade, é a que mais pode redimensionar os currículos em uma prática decolonial.

### Referências Bibliográficas

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos** in Decolonialidade e pensamento Afro Diaspórico. 1a edição. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2018

PRECIADO, Paul. **Eu sou o monstro que vos fala**. Revista palavra Solta, 2020. Acesso online em: <https://www.revistaapalavrasolta.com/post/eu-sou-o-monstro-que-vos-fala> (acesso em junho de 2022)

nascimento, tatiana. **Cuirlobismo Literário** in Caixa Pandemia de cordéis (Reexistir).São Paulo: N-1 edições, 2019

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Para Além do pensamento abissal: das linhas Globais a uma ecologia de saberes**. Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, ed.78. 2007. p3-46

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019